

MASCULIDADE E FEMINILIDADE: DISSIDÊNCIA OU TABU

Denise Martinez Souza
CEPdePA. Psicóloga, Psicanalista,
Membro Pleno e Presidente do Centro de Estudos Psicanalíticos
de Porto Alegre – CEPdePA.
Past president da FLAPPSIP. Fundadora e editora
da Revista de Psicanálise Rabisco.
denisemtzsouza@gmail.com

Para citar este artículo / Para citar este artigo / To reference this article

Martinez Souza D. (2019) MASCULIDADE E FEMINILIDADE: DISSIDÊNCIA OU TABU
Intercambio Psicoanalítico 8 (1), DOI: doi.org/10.60139/InterPsic/14.2.1/
Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC By 4.0)

MASCULIDADE E FEMINILIDADE: DISSIDÊNCIA OU TABU

Denise Martinez Souza¹

1CEPdePA. Psicóloga, Psicanalista, Membro Pleno e Presidente do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre – CEPdePA. Past president da FLAPPSIP. Fundadora e editora da Revista de Psicanálise Rabisco.
Email: denisemtzsouza@gmail.com

RESUMO

No presente artigo a autora a questão da feminilidade como um conceito tabu da psicanálise e questiona o conceito freudiano da masculinidade primária, bem como a concepção da feminilidade como uma masculinidade frustrada.

Faz reflexões sobre o conceito de gênero, sobre a desigualdade entre os sexos e a disparidade existente nas leis da cultura no que se refere as identificações subjetivantes de homens e mulheres.

Ressalta a importância do achado revolucionário de um núcleo de identidade de gênero – o sentimento e a ideia de ser homem ou mulher - adquirido antes do reconhecimento da diferença anatômica dos sexos.

Propõe que na origem do processo identificatório existiria uma feminilidade primária, nesse tempo em que a mulher/mãe propiciará ao infans, seja ele menino ou menina, uma ideia de que a feminilidade nada falta.

Postula que no caso das meninas, seria sobre a feminilidade primária que O Ego ideal iria forjar-se e, sobre o qual o Ideal de Ego feminino primário iria forjar-se. Segue construindo a ideia de que a posição fálico-castrada resultante das vivências edípicas das meninas, determinariam um papel social de gênero desvalorizado para as mulheres, trazendo serias implicações para o Ideal de Ego secundário feminino e para seu papel social.

A autora propõe nesse artigo que a feminilidade primária seria um patrimônio originário no psiquismo de homens e mulheres, sobre o qual a masculinidade evoluiria, rompendo assim a lógica falicista e o falocentrismo como organizador da identidade e da sexualidade humana.

Palavras chave: Feminilidade primária; Ego Ideal e Ideal de Ego

Sabemos todos que a palavra tabu nos remete a um significado bifronte. Por um lado aquilo que é proibido, impuro, perigoso, misterioso. Por outro a ideia de acima do comum, sagrado ou consagrado.

Penso que a feminilidade, mais que a masculinidade, poderia ser pensada como um tabu. A masculinidade com sua exterioridade, com sua atividade e menor ambiguidade, parece ter sido tocada e compreendida pela psicanálise mais como maná do que tabu.

Freud em seus artigos “A sexualidade feminina e a “Feminilidade”, aborda tanto uma como a outra como sinônimos, o que há muito procuramos diferenciar. (1931/1933)

Porém, devemos fazer justiça a Freud e lembrar que no final de sua obra ele reconheceu que a vida sexual da mulher, e eu estenderia isso à feminilidade, seria para a psicanálise “um continente negro”.

Ele conclamou seus seguidores a explorar o caminho que ele iniciara e que pela doença terminal, não teria tempo de concluir. Entretanto, seus herdeiros homens, encontraram dificuldades em levar adiante o trabalho.

As mulheres psicanalistas, ficaram, por muitos anos aprisionadas sobre o peso patriarcal do legado freudiano. Não conseguiram acrescentar ideias ou corrigir premissas equivocadas sobre a sexualidade e a feminilidade das mulheres. Assim o universo feminino seguiu, por muito tempo, um continente mergulhado nas brumas do desconhecimento.

Mary Langer (1971) comenta que as ideias sobre a mulher constituíram o “tendão de Aquiles” da doutrina psicanalítica. (LANGER, 1998, p.16)

Jeannine Chasseguet-Smirgel (1975) declarou que “A única maneira que teríamos de manter Freud vivo entre nós seria desenvolvendo sua descoberta, discutindo os aspectos arrojados, aprofundando certos pontos com a ajuda do método que ele nos legou.” (Revue Française de Psychanalyse, n.1-2)

Isso parece ter mobilizado muitas psicanalistas mulheres que, ao se identificarem com a transferência de trabalho de Smirgel, começaram a revisar pressupostos tabus da teoria freudiana como o da masculinidade primária.

O conceito de gênero, trouxe questionamentos sobre a desigualdade entre os sexos, enfatizando a importância de incluir a disparidade existente nas leis da cultura, para homens e mulheres, em suas identificações subjetivantes.

Foi com Melanie Klein quem contrariou a premissa freudiana da masculinidade primária que governaria organização sexual feminina, bem como retira a importância do clitóris como que definiria uma primeira filiação masculina, que faria da menina um menino, sem saber-lo.

Klein, mesmo dando uma guinada na teoria da sexualidade feminina ao propor o conceito de feminilidade primária, ainda o faz utilizando um pressuposto naturalista onde a anatomia marcaria o destino, agora não enfatizando a vagina.

Ressalto a importância de pensarmos a feminilidade e a masculinidade, como um processo de subjetivação, resgatando a importância da realidade psíquica, do registro da fantasia e do simbólico, que dotaram o corpo de significado. (Bleichmar, 1988, p.20)

Foi com os trabalhos de Robert Stoller (1968) sobre o transexualismo que uma diferença abissal entre sexo e gênero pode ser traçado.

Sob o conceito de gênero agrupariam-se todos os aspectos psicológicos sociais e culturais da feminilidade/masculinidade, reservando ao sexo os componentes biológicos, anatômicos e o intercâmbio sexual.

Em seus estudos sobre o transexualismo, foi possível verificar que a identidade feminina ou seja a feminilidade, poderia estabelecer-se, ignorando a anatomia e desafiando o substrato biológico do corpo, dos hormônios do qual emanaria o desejo sexual. (STOLLER, Sex and gender, 1968)

Suas investigações levaram a postulação da existência de um núcleo de gênero que é o esquema ideofetivo mais primitivo, consciente e inconsciente da posse de um sexo e não do outro

O núcleo de identidade, ou seja, o sentimento e ideia de ser homem ou mulher- seria adquirido antes do reconhecimento de uma diferença anatômica genital por parte da criança. A importância revolucionária desse achado encontra-se na possibilidade de generalizar a descoberta e postular que há um núcleo de identidade presente em todo o ser humano.

Emilce Bleichmar (1988) para compreender o núcleo de identidade feminina irá propor a existência de uma feminilidade precoce que se instituiria por identificação primária e/ou especular com a mãe. É nessa identificação que a menina irá conhecer, definir e nomear-se utilizando o mesmo discurso cultural pelo qual a mãe conheceu, definiu e chamou a si mesma. (BLEICHMAR, 1988, p.20)

Essa feminilidade primária surgiria a partir da intimidade, dos cuidados, do prazer e do amor da mulher/mãe que, que nesse primeiro tempo reina soberana e, que propiciará, ao infans, seja menino ou menina, capturar e edificar uma ideia de feminilidade à qual nada falta. A feminilidade primária portanto estaria na origem do psiquismo de homens e mulheres.

Será por sobre a imagem da feminilidade materna, que o núcleo do Ego Ideal da menina irá forjar-se e sobre o qual mais tarde o Ideal de Ego feminino primário e seu sistema narcisista irão edificar-se.

As meninas tem a vantagem de ter a estruturação da identidade de gênero facilitada pelo campo intersubjetivo criado entre ela e a mãe que a identifica como igual, nomeia como tal e com a qual a especularização é completa. Pode ser a mãe e como a mãe.

Tanto a menina como a mãe gozarão de um tempo em que a representação de ser mulher como gênero será sede de poder, sem que se possa rastrear dados considerados como fálicos ou masculinos.

A feminilidade primária parece transcorrer a margem de toda significação masculina para a menina, nesse primeiro tempo anterior a percepção da diferença anatômica do sexos.

A feminilidade que emana do gênero feminino e da função materna, não devem ser confundidos com a ideia de mulher fálica. Até por que esse fantasma se constrói sobre outro organizador psíquico ligado ao falocentrismo, conceito que a feminilidade primária questiona.

O falicismo será acrescido à feminilidade mais tarde, quando o falo surgir no discurso cultural como símbolo privilegiado de poder e não em virtude da suposta masculinidade inicial. Há um momento no desenvolvimento psíquico da menina que a masculinidade se imporá à feminilidade pela perda do lugar valorizado que a mãe ocuparia. Nesse momento surgiria uma Feminilidade Secundária ou Pós -Edípica.

A percepção da diferença anatômica dos sexos, romperá com o idílio narcísico entre mãe e filha.

A crise da castração por qual passa a menina e que faz com que ingresse no complexo de Édipo provocará desvalorização de gênero que arrasa com o universo feminino.

Onde nada faltava tanto a mãe como a filha, parece que tudo passa a faltar. Subitamente o pênis real do pai será o representante privilegiado de toda a carência, daquilo que falta e precisa complemento, mas também que coloca sob judice o valor do papel da mãe, passando ao pai o valor narcísico.

A menina testemunhará a desigualdade na valorização social dos gêneros, incorrendo na completa desvalorização do Ego Ideal Feminino Primário, que passa de idealizado e pleno para deficiente e inferior.

Acreditamos, portanto, que o maior conflito enfrentado a partir da castração para a menina não seria ter que trocar de objeto de amor, passando da mãe para o pai, mas sim como uma menina faria para “desejar ser uma mulher num mundo paternalista, masculino e fálico” (p.23).

O complexo de castração dá um destino a sexualidade. A menina se voltará ou não para o pai, estabelecendo sua escolha de objeto sexual, fixando ou não, desse modo, sua heterossexualidade. Orienta e normaliza o desejo sexual e não o gênero, decide a organização da sexualidade feminina, não da feminilidade.

O complexo de Édipo força uma reconstrução da feminilidade, necessitando a instauração de um Ideal de Ego Feminino Secundário, que inclua a posição fálico-castrado, o papel social de gênero, onde o desvalor da mulher está posto.

A incorporação do conceito de gênero a teoria do desenvolvimento psicosssexual permitiu situa-lo como um organizador do sistema narcísico Ego Ideal-Ideal de Ego, sendo o gênero um articulador que subordina tanto o ideal de Ego como o Superego.

Durante séculos as mulheres foram sujeitadas, foram mercadoria de troca, foram, propriedade, possuídas e abusadas.

O masculino tinha o privilegio da força, da potência, do nome, da terra, do governo e do poder.

À mulher restava almejar somente ser o objeto do desejo desse outro poderoso.

Se ao masculino cabia ocupar todos os espaços, ao feminino cabia o privado.

Durante muito tempo a feminilidade esteve ligada a maternidade, ao incondicional amor mãe/filho romantizado. O feminino esteve ligado a imagem do cuidado, da abnegação e do desvelo. Foi condicionada a ser recatada e do lar, ter habilidades para cama, mesa e banho e há muito custo adquiriu o direito de trabalhar meio turno para comprar seus alfinetes.

Deméter se insurgiu contra Zeus e resgatou Perséfone do reino dos mortos, Penélopes se transformaram em Hipólitas, às Afrodites somaram-se as Atenas.

Tudo isso mudou, mas não faz muito. Há somente 50 anos esse discurso foi posto em cheque. Vivemos um momento histórico em que há um deslocamento dos lugares clássicos do que é ser homem e ser mulher. As mulheres ocupam um outro lugar na sociedade e na cultura. Lutam cada vez mais para serem sujeitos do próprio desejo, proprietárias do seu corpo, apossadas de si mesmas. A maternidade deixou de ser instinto para ser uma escolha e não mais um determinismo, são profissionais bem sucedida em todos os empreendimentos, demonstram competência em profissões consideradas até pouco tempo atrás como masculinas. Muitas são cabeça do casal, as vezes ganha mais que seu parceiro, outras são arrimo de família, outras vivem sozinhas com total autossuficiência.

A identidade e o papel de gênero mudou e com eles o sistema narcisista de valor da feminilidade. Cada vez mais o falocentrismo e o patriarcado são questionados.

O que proponho pensar é que o Ideal de Ego Feminino Secundário mudou, sem necessidade, talvez, da antiga desconstrução do Ideal de Ego primário, onde o valor da feminilidade primária deixava sua marca.

A feminilidade da mulher contemporânea oferece modelos valorizados de identificação, que podem mudar a herança edípica ao superego. Um superego que contemple com orgulho o nome da mãe e o nome do pai. Com isso poderemos contribuir com uma estruturação superegoica mais estética além de moral. A castração manterá sempre sua importância como organizador da sexualidade e da escolha de objeto, sua redistribuição da libido, romperá as identificações narcisistas com a feminilidade primária onde ao feminino nada falta, mas não sobre o sistema narcisista de valor, mantendo qualificada a identidade feminina.

Onde estaria o tabu?

Na possibilidade de inverter a lógica. Invés de pensarmos uma masculinidade primária e a feminilidade como uma masculinidade frustrada poderemos pensar a feminilidade primária como um patrimônio originário de homens e mulheres da qual a masculinidade evoluiria.

Onde estaria a dissidência?

Alterar o pensamento psicanalítico da lógica falicista e romper com o falocentrismo como organizador da identidade e sexualidade humana!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLEICHMAR, E. (1988) O feminismo espontâneo de histeria. Porto Alegre: Editora Artes Médicas.
- CHASSEGUET-SMIRGEL, J. (1975) Revue Française de Psychanalyse, n.1-2.
- FREUD, S. (1931) Sexualidade Feminina. In: Obras Completas Standart Edition. Rio de Janeiro: Imago Editora; 1987.
- _____. (1933) Feminilidade. In: Obras Completas Standart Edition. Rio de Janeiro: Imago Editora; 1987.
- LANGER, M. (1971) Questionamos: documentos de crítica a localização atual da Psicanálise – Prologo. Buenos Aires: Editora Granica.
- STOLLER, R. (1968) Sex and gender: the development of masculinity and femininity. New York: Science House.